

PROVÍNCIAS DIAMANTÍFERAS DE MINAS GERAIS: ABRANGÊNCIAS GEOGRÁFICAS, GEOLÓGICAS E METALOGENIA

Mario Luiz de Sá Carneiro Chaves¹; Leila Benitez²

¹ CPMTC/IGC/UFMG; ² DEGEM/UFES

RESUMO: São caracterizadas as quatro províncias diamantíferas de Minas Gerais: Serra do Espinhaço (PDSE), Oeste São Francisco (PDWS), Alto Paranaíba (PDAP) e Serra da Canastra (PDSC), constituindo regiões metalogenéticas da ordem de dezenas de milhares de km². Tal contextualização serve também para agrupar os depósitos de diamantes do Estado, reconhecendo-se nessas províncias “distritos” e “campos” diamantíferos. (1) A PDSE, acompanhando a serra homônima, possui longa extensão longitudinal S-N desde a porção central do Estado, adentrando pelo Estado da Bahia. A mineralização mais antiga relaciona-se a conglomerados das formações Sopa-Brumadinho e Grão Mogol (Supergrupo Espinhaço); todavia, o lapso de tempo entre essas pode envolver intervalos de dezenas de milhões de anos. (2) Na PDWS, os principais depósitos são aluvionares recentes, e associam-se aos vales dos rios Abaeté, Borrachudo e Indaiá (ao sul), e Santo Antônio e do Sono (ao norte). A mineralização parece constituir uma mistura de fontes pré-cambrianas (N) e cretácicas (S); as mais antigas são provavelmente as mesmas que alimentaram tanto os conglomerados do Cretáceo Inferior-Formação Abaeté (PDWS) como conglomerados mais antigos (PDSE). (3) A PDAP, no sudoeste do Estado, inclui a já caracterizada “Província Kimberlítica do Alto Paranaíba”; na mesma são conhecidas centenas de intrusões kimberlíticas ou parentais, além de conglomerados diamantíferos contemporâneos (Formação Capacete) e, principalmente, depósitos aluvionares representados pelo Rio Paranaíba e seus afluentes da margem leste (Santo Antônio do Bonito, Santo Inácio, Douradinho e Dourado). (4) A PDSC abrange a serra homônima e adjacências, ao sul do Estado, envolvendo dois distritos principais de características próprias. O Distrito Alto São Francisco deve seu nome às cabeceiras diamantíferas do rio, onde se conhecem numerosas intrusões kimberlíticas, como o Canastra-1, mineralizado a níveis econômicos. Entretanto, diversos corpos da província em sua parte oeste (região de Delfinópolis) têm suas drenagens voltadas para a bacia do Rio Grande; alguns deles possivelmente diamantíferos (Canastra-1/Canastra-8). O Distrito de Franca (fronteira SP/MG), tem como principal fonte mineralizada o conglomerado basal do Grupo Bauru (KS). A primeira geração de fontes primárias aconteceu em idade mesoproterozóica ou anterior, no Cráton São Francisco; não existem vestígios dessas rochas que suprimiram os conglomerados proterozóicos do Supergrupo Espinhaço (PDSE). Essa primeira geração provavelmente foi também responsável pela constituição de uma das populações de diamantes da PDWS, conforme observado pela notável semelhança morfológica entre ambas, que abasteceu os conglomerados da Formação Abaeté (KI). Nessa província está presente também outra geração de fonte primária, certamente mais nova, que alimentou os conglomerados da Formação Capacete (KS). Todavia, a segunda geração primária aconteceu no KI, provavelmente de kimberlitos do “Grupo II”, presente de modo exclusivo na PDSC; tal geração foi responsável ainda pelo

abastecimento dos conglomerados do Grupo Bauru (KS), no Distrito de Franca. A terceira geração é representada por kimberlitos do “Grupo I” (PDAP) e rochas transicionais entre kimberlitos e lamproítos (PDWS), que intrudiram imediatamente antes da deposição da Formação Mata da Corda (ambos KS), sendo responsável pelos diamantes gigantes e coloridos das duas províncias. Depósitos inconsolidados holocênicos ocorrem em todas as províncias, muitas vezes misturando diamantes de fontes alimentadoras distintas.

PALAVRAS CHAVE: Diamante, Províncias Diamantíferas, Minas Gerais